

Quem torcia por Brizola

Ricardo Noblat

No início da madrugada de ontem, reunido com líderes do seu partido na casa do ex-ministro Renato Archer, no Lago Sul de Brasília, o ex-prefeito Jarbas Vasconcelos, presidente interino do PMDB, formulou um apelo ao deputado Ulysses Guimarães, sentado à sua frente, em um amplo sofá: "Se der Brizola ou Lula contra Collor, temos de apoiar qualquer um dos dois. Se der Lula, não podemos vacilar nem um minuto no apoio".



Ulysses balançou a cabeça em sinal de assentimento. Depois, comentou: "Se der Brizola, teremos menos problemas para apoiá-lo". Jarbas e os demais circunstâncias concordaram com o comentário de Ulysses. Para que o PMDB apoiasse Brizola, Ulysses e Jarbas só enxergavam uma única dificuldade, realmente, séria a ser contornada: a incompatibilidade entre o candidato do PDT e o governador do Rio Grande do Sul.

Os dois não se toleram — e se distanciaram desde o retorno de Brizola do exílio com a anistia de 1979. Ocorre que o Rio Grande do Sul deu a Brizola uma votação esmagadora — algo como 6 ou 7 votos em 10. Como Simon poderia vir a desconhecer tal coisa, preferindo apoiar Collor ou mesmo se abster? Ulysses não via maior problema para compor Brizola com o governador Moreira Franco, do Rio de Janeiro.

"Moreira é um pragmático", decretou Jarbas. O apoio a Lula fracionaria o PMDB. Nas contas de Ulysses e de Jarbas, dificilmente o governador Orestes Quércia se disporia a ajudar um dos seus mais duros adversários na política paulista. Os governadores de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Norte não subiriam no palanque de Lula por causa de incontornáveis diferenças ideológicas.

O PMDB de Ulysses foi dormir ontem torcendo pela vitória de Brizola. Antes de ir dormir, Ulysses recebeu uma carta de Jarbas onde ele devolve a presidência do PMDB. Ulysses guardou a carta e não a mostrou a ninguém. Mas a disposição dele é de reassumir, logo, a presidência do partido, para poder comandá-lo nas negociações em torno do segundo turno. O

PSDB foi dormir ontem torcendo, também, pela vitória de Brizola.

O senador Mário Covas avisou a seus pares desde a semana passada: se não chegasse ao segundo turno, apoiaria Brizola ou Lula. Não tinha preferência. Grande parte do PSDB tem. A direção do partido considera que a classificação de Lula para o segundo turno poderia vir a significar a morte a curto prazo do PSDB. São Paulo e Minas Gerais são as duas bases políticas que sustentam o vôo dos tucanos. Nas duas, Lula e o PT voaram alto.

Se tornassem a voar no segundo turno, arrebatariam o PSDB e, particularmente, as candidaturas de Pimenta da Veiga ao governo de Minas e as de Covas, Fernando Henrique Cardoso ou Franco Montoro ao governo de São Paulo. A passagem de Brizola para o segundo turno não ameaçaria a sobrevivência do PSDB. Pelo contrário. Jarbas, por exemplo, começou a propor a dobradinha Brizola-Covas para o segundo turno.

O deputado Fernando Lyra, vice de Brizola, não seria obstáculo ao entendimento entre o PDT e o PSDB se Lula terminasse perdendo a chance de disputar o segundo turno com Collor de Melo. Lyra sempre disse, e ontem tornou a repetir, que aceitou ser vice de Brizola "para somar, não para dividir", e que a vaga de vice não se postula, aceita-se. O PSDB tem quadros para governar que o PDT não tem — ou tem em menor número.

Até o candidato Collor de Melo torcia para que fosse Brizola, e não Lula, o adversário dele no segundo turno. Parte da assessoria de Collor torcia pela vitória de Lula. Collor reconhece que Brizola e o PDT têm muito mais espaço de composição a oferecer que Lula e o PT. Mas acha que, contra Brizola, terá mais munição. O duelo, se depender dele, se dará entre "o novo" e o "antigo". A carga ideológica do duelo será menor.

Será muito maior se o duelo for travado entre ele e Lula. O voto dos candidatos identificados com posições de esquerda parecia mais vasto, até o começo da noite de ontem, que o voto dos candidatos de direita ou apoiados pela direita. Para suceder o presidente Sarney, Collor terá de alargar suas alianças para a esquerda. Se depender da fatia do PSDB do senador Fernando Henrique e do deputado José Serra, isso será possível.